

QUESTÕES SOBRE O FUNCIONAMENTO DE CARTA DE LEITOR

Liliana de Almeida Nascimento
(UESB)

Maria da Conceição Fonseca-Silva
(UESB)

INTRODUÇÃO

O uso da designação gênero carta, em vez de gênero epistolar, busca dar ênfase ao sentido de unidade de comunicação construída em contextos funcionais específicos, evitando conotações literárias. Conforme Marcuschi (2001), a definição dos gêneros, baseada em parâmetros pragmáticos e discursivos, é de natureza sociocomunicativa, pois sua sedimentação se dá por meio de práticas sociais que visam a determinados propósitos comunicativos.

Carta de leitor, carta pedido, carta resposta, carta pessoal, carta de opinião, apesar de apresentarem traços comuns, sua estrutura básica, não têm a mesma natureza, pois circulam em campos de atividades diversos, apresentam funções comunicativas variadas e, por isso, podem ser consideradas como subgêneros do gênero carta que permite uma variedade de tipos de comunicação, tais como: pedido, agradecimento, conselho, congratulações, desculpas, intimação, notícias familiares, etc.

Assim como Melo (1999), verificamos que a carta de leitor é um texto que circula no contexto jornalístico em seção fixa dos jornais, denominada comumente de Cartas, Painel do leitor, Carta do leitor, etc., destinada à correspondência dos leitores. Utilizada quando não existe contato imediato entre remetente e destinatário, a carta de leitor é um subgênero de domínio público e de caráter aberto. Ressaltamos, entretanto, que nem toda carta

· Trabalho ligado à pesquisa: Gêneros textuais e lugares de memória no jornal

· Bolsista de Iniciação Científica da Fapesb e aluna do curso de Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista.

enviada pelos leitores é publicada e que as cartas selecionadas podem passar por uma reformulação por meio de resumos, paráfrases ou podem ter algumas de suas informações eliminadas pelo editores.

Quanto à estrutura, o subgênero carta de leitor pode ser dividido em três partes. A primeira parte localiza-se logo nas primeiras frases, nas quais o leitor apresenta sua opinião, criticando, elogiando, comentando tanto o jornal quanto a reportagem, artigo, ou carta de leitor aos quais se refere. A segunda, chamada corpo ou núcleo da carta, é composta pelos argumentos para defender o ponto de vista apresentado na primeira parte. E a terceira é composta pelo nome do leitor juntamente com a profissão ou cargo (facultativo) e a cidade, estado ou país onde ele reside.

Esses aspectos abordados dizem respeito à textualidade ou textualização da carta de leitor. Para além dessas questões, podemos ainda afirmar, com base no quadro teórico da Análise de Discurso iniciada por Pêcheux, que esse subgênero é uma unidade lingüística, mas também histórica, ou seja, uma base material atravessada pelo interdiscurso. Isso significa que é uma unidade em que se dá o encontro de uma atualidade e de uma memória.

MATERIAL E MÉTODOS

Após levantamento da literatura existente, procedemos à seleção do *corpus* analisado neste trabalho. Na primeira etapa, foram selecionadas trinta cartas de exemplares do jornal *Folha de S. Paulo*.

Na segunda etapa, foi feita a interpretação estrutural e funcional das cartas selecionadas. Nessa etapa, procedeu-se ao levantamento dos mecanismos textuais de estruturação das cartas de leitor e à análise de seu funcionamento como materialidade de significação onde se dá o encontro de uma atualidade e de uma memória.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Vejam, inicialmente, como exemplo, uma carta publicada no *Jornal Folha de S. Paulo*, no dia 7 de Julho de 2005. O artigo ao qual a carta faz referência foi publicado no dia 5 de julho de 2005:

Carta (1)

"Eliane Cantanhêde nos mostra em seu artigo de 5/7 que "o sonho acabou". O pior é que esse sonho era do povo, das pessoas desesperadas, pobres ou ricos, que se agarraram com unhas e dentes ao carisma ético e moral que exalava do PT. A cúpula petista que tomou conta do governo Lula conseguiu, em dois anos e meio, destruir a imagem de honestidade e de moralidade que a legenda do PT construiu em 25 anos. Esse grupo de petistas combateu a corrupção durante anos com o único intuito de chegar ao poder e fazer a mesma coisa que os seus adversários faziam."

Wilson Gordon Parker (Nova Friburgo, RJ)

Artigo

O sonho acabou

BRASÍLIA - O "muro" caiu há 15 anos, a União Soviética desmoronou, a China aderiu ao capitalismo do vale-tudo, a Albânia foi a última bóia do PCdoB até despejar gente faminta e piolhos na Itália. Foi com certo atraso, pois, que uma onda soprada pela esquerda tentou chegar à América Latina no novo século.

E essa onda pode passar antes mesmo de chegar. Fidel envelheceu sob diferentes aspectos, Chávez orgulha-se do isolamento, Lula está dando nisso aí, Lagos é de centro, Kirchner não é ideológico, só intuitivo, Vázquez está verde. O elo é sobreviver à hegemonia esmagadora dos EUA. Ao tomar posse, Lula admitiu que a derrota do seu governo seria a derrota das esquerdas. O que dizer agora? O partido da ética e da justiça social sucumbiu a uma prática política obsoleta e abjeta. E é suspeito de aperfeiçoá-la. Além de empresas privadas financiando campanhas, as

públicas bancam partidos. Além do fisiologismo das emendas e dos cargos, a compra em espécie de deputados. E o presidente não vê. Aliás, não vê nada.

Foi-se o sonho, o que fica melancolicamente claro no relato de Laura Capriglione, na Folha de domingo, sobre o 12º encontro da esquerda latino-americana em São Paulo. Da tribuna, o anfitrião anunciava 106 delegados e 276 convidados de 42 países. Na platéia, 96 gatos pingados. Até aí o sonho era um, a realidade, outra. A expectativa em relação ao governo de Lula e do PT era imensa. A desolação é ainda maior. A esquerda era pura, honesta, do bem. A direita era impura, desonesta, do mal. Agora, todos são do mal, com uma diferença: a direita é mais competente. Faz até os programas sociais que julgávamos patenteados pela esquerda.

O país parece dividido entre PT e PSDB, mas a grande vitoriosa é a direita. Nem precisou ganhar, porque a esquerda é que perdeu. Ou se perdeu.

Podemos verificar que, na carta (1), o leitor/autor, logo nas primeiras linhas, apresenta a sua opinião, comentando o artigo com a seguinte afirmação: “Eliane Cantanhêde nos mostra em seu artigo de 5/7 que ‘o sonho acabou’. O pior é que esse sonho era do povo, das pessoas desesperadas, pobres ou ricas, que se agarraram com unhas e dentes ao carisma ético e moral que exalava do PT”. Em seguida, apresenta argumentos para defender a posição tomada nas primeiras linhas, ou seja, o

leitor/autor afirma que a cúpula petista ao chegar ao governo manteve a mesma postura corrupta dos seus adversários. E, por fim, “assina” a carta.

Essa carta de leitor se constitui textualmente a partir da retomada de um assunto tratado em outro gênero que constitui o jornal, o artigo ‘O sonho acabou’, que trata da frustração do povo brasileiro que via a possibilidade de uma prática política ética e justa no governo de esquerda. Nesse artigo, veiculado no Jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 5 de Julho de 2005, o autor faz uma análise da atuação da esquerda em diversos governos, inclusive no Brasil, onde a “expectativa era imensa”. Isso significa que o leitor/autor da carta (1), além de concordar com a posição do articulista, constrói seu texto retomando as suas conclusões, ao admitir que a cúpula petista fez a mesma coisa que seus adversários faziam.

As cartas de leitor não retomam questões de todos os gêneros presentes no jornal, pois não são todos os assuntos que permitem a expressão de uma opinião a respeito daquilo que foi exposto. As questões retomadas nesse subgênero são tratadas, geralmente, em artigos, a exemplo do que apresentamos, em reportagens e outras cartas de leitor, como demonstramos abaixo:

Carta (2)

“Gostaria de parabenizar a geneticista Mayana Zatz por seus esforços para que fosse aprovado o projeto que permite pesquisas com células-tronco. É de pessoas como essa senhora que esse país necessita. É de projetos competentes que necessitamos para ver os 40% de impostos que pagamos retornarem em atividades básicas como segurança, educação e saúde. A senhora Mayana Zatz foi inúmeras vezes ao congresso para mostrar aos deputados e senadores que

Reportagem

Não há mais o que debater’, diz cientista

Salvador Nogueira
(da reportagem local)

A geneticista Mayana Zatz, do Centro de Estudos do genoma humano da USP, saiu animada da reunião que teve ontem com o presidente da Câmara, Severino Cavalcanti. Ela está otimista com a perspectiva de que o projeto da lei de Biossegurança seja votado ainda hoje. Antes da votação, os dois ainda

o país necessita de projetos mais importantes do que o do aumento dos “seus próprio salários.”

Wagner Bérnago (São Paulo-SP)

voltarão a se encontrar hoje, numa reunião com o ministro Eduardo Campos, no Ministério da Ciência e Tecnologia.

A animação de Zats vem de declarações dadas a ela pelo próprio Cavalcanti. “Independentemente da posição dele, ele disse que vai deixar a maioria decidir”, afirmou a cientista. “E fiquei muito contente ao falar com a filha dele, que é a favor. Estou otimista”

Para ser aprovado, o projeto da Lei de Biossegurança precisa de dois terços dos votos na Câmara. Caso consiga, dependerá apenas da assinatura do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para virar lei.

Zatz tem sido a principal articuladora da defesa da liberação das pesquisas com células-tronco extraídas de embriões em Brasília. Ela participou de vários encontros com parlamentares ao longo dos últimos meses defendendo a liberação dos estudos.

A mobilização teve sucesso no Senado, modificando o texto do projeto para que ele permitisse o estudo de embriões com mais de três anos, inutilizados e armazenados em clínicas de fertilidade, com autorização dos genitores.

A versão anterior, primeiro votada na câmara, não permitia uso de

material extraído de embriões em hipótese alguma, mas deixava brechas em relação à clonagem terapêutica, processo que cria embriões para destruí-los depois. “Havia uma contradição”, diz Lygia da Veiga Pereira, da USP.

Alterado pelo Senado, o projeto voltou à Câmara, comandada agora por Cavalcanti, que já se disse contrário às pesquisas com embriões. Alguns cientistas até temiam que a decisão de levar o texto à votação resultasse em veto e queriam retomar as palestras e comunicações com deputados, para evitar a decisão contrária.

Zatz, no entanto, não vê essa necessidade. “Acho que tudo que tinha de ser discutido já foi discutido. Na minha opinião, não há mais o que debater”, diz. “Agora é só levar à votação”

A carta (2) foi veiculada na Folha de S. Paulo, no dia 5 de março de 2005. Nessa carta, o leitor retoma uma reportagem publicada no dia 02 de março de 2005 e intitulada “Não há mais o que debater, diz cientista”, que trata da mobilização feita pela geneticista Mayana Zatz para que fosse aprovado o projeto que permite pesquisas com células-tronco. Na primeira parte, o leitor/autor apresenta a sua opinião, parabenizando os esforços da geneticista. Em seguida, no corpo da carta, constrói sua argumentação, ressaltando que a geneticista foi inúmeras vezes ao congresso. Ao fazer essa afirmação, o leitor/autor resgata uma informação da reportagem, na qual está dito que Zatz “participou de vários encontros com parlamentares ao longo dos últimos meses”.

A carta de leitor pode retomar também os assuntos tratados em outras cartas de leitor, criticando ou elogiando a opinião do leitor apresentada em uma outra edição. Vejamos, como exemplo, as cartas abaixo:

(Carta 3)

“Como bem disse a leitora Sonia Aparecida Teixeira da Silva nesta sessão no domingo, esse aumento de 67% nos salários dos deputados e senadores é monstruoso e descabido. Quero acrescentar que é ultrajante e causa asco a nós, brasileiros, que não fazemos parte da casta de políticos. E agora o senhor Lula propõe um reajuste de 0,1% nos salários e nas aposentadorias dos servidores públicos, o que é mais uma vergonha nacional. Servidores públicos ficaram oito anos sem aumento por conta do plano econômico de senhor FHC e, no ano passado, após dissídio, foi dado 1% de aumento como esmola. Só tenho a dizer que, nesta atual conjuntura, sinto imensa vergonha de ser brasileiro.”

Eugênio Leopoldo de Barros
(São Paulo, SP)

(Carta 4)

“Graças a Deus alguém é lúcido e iluminado o bastante para escrever nesse conceituado jornal o que todos nós, povo brasileiro, pensamos e sentimos, mas quase nunca podemos expressar (Eliane Cantanhêde ‘Rápido no gatilho’, Opinião, Pág. A2, 25/2). Os deputados (talvez tirando os ditos 300), antes de votarem esse monstruoso aumento de salário, deveriam olhar a foto da índia Jenifer publicada na pág. A11 em 25/2. Talvez os que ainda não tenham suas consciências adormecidas ou devoradas pelo dinheiro prometido possam votar contra essa proposta e denunciar os que votaram a favor desse descabido e indecente aumento. Para quem trabalha três dias por semana e tem 90 dias de férias, o salário e mais outras tantas ajudas que recebem já não é mais do que justo? Ou esses deputados vão mesmo se lixar para a opinião do povo?”

Sonia Aparecida Teixeira da Silva
(São Paulo)

O leitor/autor da carta (3), que foi veiculada no dia 02 de março de 2005 faz referência à carta (4), que foi publicada no dia 27 de fevereiro de 2005.

Na carta (4), a leitor/autor mostra indignação com a proposta de aumento de salários dos deputados, fazendo referência a um artigo e a uma reportagem que foram publicadas anteriormente. Em seu texto, a leitora adjetiva como monstruoso e descabido esse aumento de salário.

Ao retomar essa carta, o leitor/autor da carta (3) elogia a posição da leitora quando inicia o seu texto com a afirmação: “como bem disse a leitora nesta sessão no Domingo, esse aumento de 67% nos salários dos deputados e senadores é monstruoso e descabido”. Nessa afirmação, o leitor/autor usa os mesmos adjetivos ‘monstruoso e descabido’, utilizados na carta (4). Em seguida, argumenta em favor da sua opinião, acrescentando mais informações a respeito do assunto do qual está tratando. E, por fim, a carta é composta pelo nome do leitor, cidade e estado onde ele reside.

Para além das questões de textualização e pragmáticas apresentadas, analisamos as cartas de leitor também da perspectiva da Análise de Discurso e verificamos que estas funcionam como materialidades de significação onde se dá o encontro de uma atualidade e de uma memória. Isto significa que estão inscritas em *filiações históricas* que se organizam em memórias, no sentido de Pêcheux (1983).

No jogo interdiscursivo presentificado nas cartas de leitor analisadas, podemos observar que o discurso em que *o povo brasileiro reclama, mas é passivo* está materializado na carta (1) e também no artigo ‘Ucrânia, Líbano, Brasil’. O discurso em que *os políticos brasileiros recebem salários e vantagens incompatíveis com o que fazem, com a condição sócio-econômica do Brasil e com os salários dos brasileiros, inclusive, dos funcionários que entram no serviço público através de concurso* também está materializado na carta (2), na (3) e na carta (4).

Isso ocorre porque todo discurso, como postula Pêcheux (1983, p.56), “é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho de deslocamento no seu espaço”.

CONCLUSÃO

Do que foi discutido até o momento, ressaltamos que a carta de leitor é um subgênero do gênero carta e que se constitui textualmente a partir da retomada de assuntos tratados em outros gêneros do jornal. Os leitores podem escrever cartas para elogiar ou criticar reportagens e artigos veiculados no jornal, para expressar sua opinião sobre algum assunto, ou mesmo para opinar a respeito de outras cartas de leitor publicadas anteriormente.

Enfim, ao se constituir textualmente através da referência a outros gêneros, a carta de leitor, ao mesmo tempo, constitui-se como um lugar onde há o encontro de uma atualidade e de uma memória, como um lugar onde se podem identificar momentos de interpretação, que, no sentido de Pêcheux (1983, p.57), são “efeitos de identificação assumidos e não negados”.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics. In: **Freudism**. New York: Academic Press, 1976. Edição Original: 1927.
- _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979. Edição Original: 1929.
- _____. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1989. Edição Original: 1950.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez. Edição Original: 2001.
- MELO, C.R.B. de. **Cartas à Redação: uma abordagem discursiva**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1999. Edição Original: 1983.